

Pedro Fernandes Galé
Professor de Filosofia da
UFSCar
pedrofgale@gmail.com

Tríptico para São Paulo

1. Urbe espatifada

e,
diante do fluxo contíguo
de pessoas
que jorram ao fim da tarde
porões escorrem baratas ao sol...
um jogo truncado
de imagens mastigadas
viadutos sangram carros:
centelhas fumacentas
de *break lights* vermelhas
disputam a cada palmo
o dedo em riste
de um criador
que da sangria
ferroplástica
faça jus ao jogo de cores
num degradê polifônico.
A cada esquina o coro se afina
e não é que
entre os vultos
sobrepostos
surgem
lances de luz!

2. Serena Urbe

se escapam entre os dedos
as imagens fornecidas
por uma musa
que se divide em milhões;
é aí que se entrega
o cinismo adstringente
do áspero asfalto.

ISSN 2359-5140 (Online)
Ipseitas, São Carlos, vol.4,
n.1, p. 254-256, jan-jul,
2018

o trivial fundido nos fundilhos
da calça rasgada do louco
embala e esgarça o ritmo emendado ao lado
do tenro terno do babaca do banco:
entre os lábios e o labor
da namorada sem cor.
triunfem à vontade!

embutida na assepsia
do corriqueiro, a vida
intumesce o metro num metrô veloz:
humanoduto sem rosto que, por gosto,
encara, e escancara, a réplica comum
num transbordar de gentes
sempre ceifadas ao acaso.

3. São Paulo, *just in time!*

Vão livre — vala comum!

De lugar nenhum venho
assistir o sem rosto das ruas.

e do

Museu de Arte de São Paulo — ouço o
clamor que cala (calado à bala?)

e que abalava o Banco de pedra de Van Gogh
na vala livre.

Da vaia vã (e livre?!) ao vão comum

a onda se arrebenta e, um a um,
os pensamentos se constroem
em palavras de ordem que conformam

o mundo em

um denominador que de tão comum valha
a vaia das valas e não se cale

diante da Ressurreição de Rafael.

grita o tropel,

recebendo aplausos rebeldes

financiados por bancos

e o vão comum e livre
ocupa-se de ideias rasas
que sem asas não voam longe.

Complexo de épico,

vão livre — vala comum.

E cético, volto pra casa

dentre o clamor antidialético (direita–esquerda)
e no caminho:

a mais perfeita coerção me fita
do grafito oficial e adestrado
financiado pelo Estado.

Dentro e fora do museu,

não sinto amparo

e, a caminho de Santo Amaro,

Borba Gato me sorri

e pergunta: quem eu?

Musa suicida

É entre as muitas vagas
em que seu corpo se entrega,
num ir e vir, sumir e surgir,
que redesenho as impressões
da musa suicida apoiada
no beiral da janela.

Me arrasta e sempre nega,
aquilo que entre vagas entrega.
Curvas curvas e retilíneas
de ossos que quebram
o estalar das luzes
do dia quente de janeiro.